

A antiga Santa Lúcia, de 30 anos atrás, dá lugar à urbanização vertical

Santa Lúcia, entre a elite e OS MORROS



A119928

A Merceria do Zé Pretinho conserva ainda as características de trinta anos atrás. Nas prateleiras empoeiradas, disputam espaço, garrafas de cachaça, vinho, latas de cera, anzóis e vasos de barro. Na porta da merceria, os jovens da geração 80, que às tardes se reúnem para tomar uma cervejinha, conduzem ao bairro Santa Lúcia de hoje — das casas de massagens, dos assaltos e dos prédios que pipocam ao longo da avenida Rio Branco.

Mas Santa Lúcia é um bairro tranquilo e bom para se viver, falam os seus moradores mais antigos. Poucos, por sinal, porque há cerca de dez anos a região, espremida entre a elitizada Praia do Canto e os morros que se projetam próximos à avenida Leitão da Silva, sofreu uma verdadeira invasão de novos habitantes. A mudança, segundo alguns, foi sensível.

Da população inicial, formada por estivadores, pedreiros e trabalhadores braçais, que a partir da década de 30 chegaram à região, restam alguns como o Zé Pretinho, dono da merceria, ou o alagoano José Ferreira do Carmo, que trabalhou como encarregado nas medições dos lotes que hoje formam o bairro de Santa Lúcia. Eles, os mais antigos, gravitam agora entre a classe média que habita as casas e edifícios que transformam Santa Lúcia em bairro meio-irmão da Praia do Canto.

Santa Lúcia. Na rua Constant Sodrê, onde se espalham casas com placas sugestivas como "Only for Men", "Play Men", "Termas Relax Center", poucas pessoas aceitam conversar sobre o assunto ou citar nomes, mas, entre uma palavra e outra, demonstram não gostar das casas de massagens — que se espalham pela rua. "Sabe como é, bairro residencial. Tem até uma escola infantil aqui na rua, não fica bem. Apesar de que eu, pessoalmente, não sou molestada", disse uma simpática senhora, de uns quarenta anos, que preferiu manter-se no anonimato.

Ao todo, Santa Lúcia tem cinco ou mais casas de massagens, a maioria de propriedade do candidato derrotado a deputado estadual pelo PDS, nas últimas eleições, Antônio de Pádua Salviano. Durante o dia, as casas distinguem-se das residências apenas pelas placas que indicam suas atividades noturnas. Pois, é exatamente a partir das 20 horas que o movimento começa. "Carros estacionando e um "entra e sai" de homens", segundo uma empregada doméstica que também preferiu não se identificar.

CAI NO BRAÇO

Mesmo com o crescimento urbano, que conduziu o bairro à perda de suas características iniciais, Santa Lúcia tem ainda muita história. E personagens vivos, como o Zé Pretinho, um

Borges". Afirmção apoiada por outro antigo morador, o aposentado José Ferreira do Carmo, que, em 1929, trabalhou na medição dos lotes de Santa Lúcia, como funcionário do Estado, e também na extensão da linha do bonde até a Praia do Canto.

Aqui, recorda José Ferreira que demonstra uma boa memória em seus 77 anos, era tudo capoeira e manguê. Do outro lado, (ele se referia ao outro lado da reta da Penha, já na Praia do Canto), havia um laranjal enorme de Vasco da Silveira que possuía posse do Estado para ocupar a área. Quem começou a aterrar a reta da Penha, que tinha um valão que se estendia até a ponte da passagem, foi um italiano, Henrique Loureiro, que demorou quase um ano para fazer o trabalho, com uma carroça puxada por burros.

Conversar com José Ferreira é algo agradável. Com tempo pode-se, tranquilamente, passar uma tarde inteira ouvindo histórias de Santa Lúcia, da época em que ele chegou, quando existiam poucos barracos de madeira, cobertos de zinco, e das décadas seguintes, quando a população do bairro foi aumentando. Época, inclusive, de sacrifício, quando a distância do Centro até Santa Lúcia era vencida em uma hora de viagem de bonde, que mesmo assim ia somente até a Praia de Santa Helena. O resto do percurso era

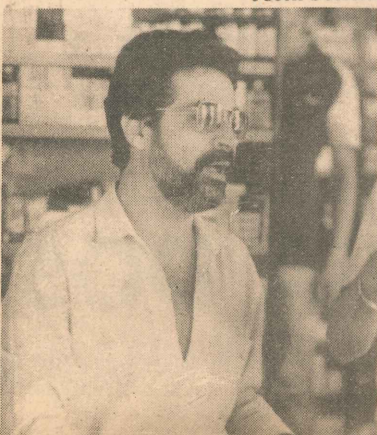
SABE COMO É

Poucos problemas de infraestrutura no bairro, mas muito medo de assaltos é o que demons tram, as pessoas em suas conversas. A farmácia Santa Lúcia, por exemplo, a única na região que permanece de plantão até às 24 horas e também em fins de semana, foi um prato cheio para os assaltantes que, há cerca de um ano, fizeram três visitas ao local. "Agora, comenta José Freire Soares, proprietário da farmácia, existem mais segurança e mais policiamento. Mas está ocorrendo muito roubo de bicicleta, durante o dia".

Os roubos das bicicletas ocorrem justamente quando os garotos que fazem entrega a domicílio para a farmácia, estacionam à porta dos prédios. Num prazo de dois anos, oito bicicletas foram roubadas e a tática adotada pelos garotos, agora, é acorrentar os veículos às grades dos jardins, para ter a certeza de encontrá-los na volta. Na própria farmácia, a segurança também foi reforçada com a presença, inclusive, de um vigia particular.

Não são apenas os assaltos que constam da lista de preocupações dos que hoje habitam

Joecir Secreta



José Freire Soares

baiano forte, em seus 72 anos, que para evitar problemas na mercearia que mantém há 35 anos, colocou uma placa objetiva sobre o balcão. "Pidiu. Pagou". A sistemática de Zé Pretinho não afasta, entretanto, os mais jovens, que uma tarde ou outra passam no bar para tomar uma cerveja.

Todos já se acostumaram com o modo como ele impõe respeito. No prédio antigo e maltratado da mercearia, que antes era quitanda, ele não permite que se fale palavrões. "Isso aqui é uma casa de família. Pode vir criança, gente moça e gente velha. Vivo bem com todo mundo, mas quem não me respeitar cai no braço" fala ele, com uma voz forte e decidida, acompanhada de gestos que mostram que ele procura manter seus princípios, nos mesmos moldes de quando chegou a Santa Lúcia, em 1936.

Nas prateleiras que encobrem três das quatro paredes da mercearia, espalha-se tudo o que se pode imaginar, de garrafas de bebidas, a utensílios domésticos e material de limpeza. Além, é claro, de um produto característico da casa, o coquinho do Zé Pretinho, uma cachaça curtida com coco. Só que quando Zé Pretinho está atrás do balcão ninguém pode tomar mais de três doses. Ele marca um por um dos que estão bebendo e, após a terceira dose, suspende o fornecimento "porque o pessoal pode ficar de fogo", alega.

A rua Aleixo Neto, onde fica a mercearia, é a antiga Cachoeiro de Santa Leopoldina, e a rua José Teixeira, também próxima, era a rua Alegre, recorda Zé Pretinho. "Depois que chegou gente de fora, diz ele, as coisas melhoraram, mas quem movimentou tudo isso, calçou ruas, foi o prefeito Solon.

feito a pé pois em 1932 é que a linha foi estendida até a Praia do Canto.

O bairro era pobre, conta José Ferreira, quem vinha para cá era estivador, pedreiro e trabalhador. Chegava, construa um barraco e depois é que ia pedir escritura ao Estado. Depois das medições o Estado vendia e dava prazo de um ano para ocupação. Em 1929, os terrenos eram vendidos a 500 réis o metro quadrado, preço que depois subiu para dez tostões. Daquele tempo tem pouca gente no bairro. Os mais antigos morreram ou mudaram para outro lugar.

Na onda de saudosismo que conduziu a conversa, José Ferreira lembra também dos dois clubes de Santa Lúcia, o Centenário, que ainda promove bailes e o Santa Cruz, cujo salão está agora ocupado por uma serraria. "Nesse tempo, até mais ou menos 1962, era uma alegria aqui no bairro. No Carnaval, o povo saía às ruas, cantava dançava. Agora, a gente já não vê nenhum bloco passar", comenta José Ferreira, tendo suas palavras abafadas pelo som dos automóveis, motos e ônibus que passam pela reta da Penha.

Joecir Secreta



O baiano Zé Pretinho